

BOLETIM MUNICIPAL • CÂMARA MUNICIPAL

# Lajes do PICO



# Sumário



## BOLETIM MUNICIPAL

Ano 11 - Nº 15, Agosto-Setembro de 2004

### Edição e propriedade

Câmara Municipal das Lajes do Pico  
9930-135 LAJES DO PICO  
Tel: 292 679 700  
Fax: 292 679 710  
E-mail: [cmfpico@mail.telepac.pt](mailto:cmfpico@mail.telepac.pt)

### Directora

Sara Santos  
*Presidente da Câmara Municipal das Lajes do Pico*

### Coordenação

Carlos Alberto Machado

### Colaboração

Inês Dias

### Secretariado

Judite Simas Castro

### Fotografia

Adélio Pereira  
Carlos Alberto Machado  
Jorge Menezes  
Jornal do Pico  
Paulo Areias  
Paulo Nuno Silva

### Concepção gráfica e paginação

Milideias - Comunicação Visual, Lda  
Évora | Tel: 266 757 600

### Impressão e acabamentos

Nova Gráfica  
Ponta Delgada | Tel: 296 302 140

Agradecemos a colaboração do *Jornal O Dever* e *Jornal do Pico*.

### Tiragem

750 exemplares

### Depósito legal

151.663/00

O *Boletim Municipal* publica-se mensalmente.

Agradecemos o envio de informações até ao dia 15 de cada mês.

CORREIO DOS LEITORES: sugestões, críticas e colaborações podem ser entregues via CTT, por e-mail, para [cmfpico@mail.telepac.pt](mailto:cmfpico@mail.telepac.pt), ou pessoalmente no Gabinete da Presidência. Só se publica correspondência devidamente identificada.

## 3 Editorial: Uma nova atitude

## 4 Do outro lado do Atlântico

- 4 História do Município
- 4 Plano Municipal de Emergência
- 4 Scolari nas Lages
- 5 Calheta por terras continentais
- 5 Intercâmbio musical

## 6 Uma semana em festa


## 10 Imagens do Espírito Santo

- 13 Senhora da Piedade
- 13 Museu Missionário
- 13 Bom Jesus Milagroso
- 14 Bodo de Leite
- 14 Tunas e Serenatas nas Lages
- 14 Rectificações

## 15 Livros e Leituras: A luz dos Açores



Foto da capa: Carlos Alberto Machado



PNS

# Uma nova atitude

Com as vindimas encerramos mais um ciclo da nossa vida comunitária. É o Verão que termina e com ele as festas e a animação que nos trazem os visitantes, familiares e amigos que continuam a escolher como destino de férias a nossa terra.

Os nossos estudantes voltam à escola, uns cá, outros longe.

Gosto de pensar no Outono como o início de um novo ciclo. É tempo de recomeçar, de retomar trabalhos entretanto interrompidos e aplicar as renovadas energias na sua conclusão e na preparação e planificação do novo ano que se aproxima.

Esta tarefa é uma das mais importantes da função autárquica e fundamental para a boa concretização dos seus objectivos.

Assunto porventura fastidioso para alguns munícipes; porém, enquanto gestores do erário público, os autarcas têm uma função: aplicar o melhor possível o pouco que têm e tentar obter o máximo que puderem; ou seja: com pouco fazer muito pelas populações que representam. E esta aptidão só é possível dominando bem os instrumentos de gestão financeira.

Alguns, os que consideram esta preocupação excessiva para um político, acusar-me-ão de ser “tecnocrata”; outros, os que sabem que os tempos são outros e as regras também, perceberão que é necessária uma nova atitude.

Por isso, muitas vezes não estamos em toda a parte como seria desejável, ou em contacto permanente com a população como gostaríamos, nem disponibilizamos o nosso tempo para responder, esclarecer ou até refutar algumas críticas, umas construtivas outras não, que por vezes surgem na comunicação social local.

Porque é preciso estabelecer prioridades e canalizar a nossa disponibilidade e toda a nossa energia na concretização dos nossos objectivos: fazer o melhor pela população que representamos.

Em algumas entrevistas que me têm feito os jornalistas perguntam-me se o facto de ser mulher imprime alguma diferença no desempenho deste cargo político. Invariavelmente, tenho sentido, reconheço, alguma falta de objectividade nas respostas que dou. Porque, na verdade, o que gostaria era que não se tratasse de uma questão de masculino ou feminino, mas sim de passado e futuro. Porque o que deve marcar efectivamente a diferença é uma questão de atitude.

É isto que espero neste Outono: uma nova atitude.

Sara Santos  
*Presidente da Câmara Municipal das Lajes do Pico*

CAM



# Do outro lado do Atlântico

Realizaram-se em 14 e 15 de Agosto em New Bedford as primeiras regatas de botes baleeiros daquela importante cidade portuária dos EUA. Organizada pela Azorean Maritime Heritage Society, as regatas tiveram as seguintes classificações:

1ª Regata de Vela		1ª Regata de Remos	
1ª	Equipa de New Bedford	1ª	Equipa do Pico
2ª	Equipa do Faial	2ª	Equipa do Faial
3ª	Equipa do Pico	3ª	Equipa de New Bedford

2ª Regata de Vela		2ª Regata de Remos	
1ª	Equipa do Pico	1ª	Equipa do Pico
2ª	Equipa do Faial	2ª	Equipa do Faial
3ª	Equipa de New Bedford	3ª	Equipa de New Bedford

3ª Regata de Vela		3ª Regata de Remos	
1ª	Equipa de New Bedford	1ª	Equipa do Pico
2ª	Equipa do Pico	2ª	Equipa de New Bedford
3ª	Equipa do Faial	3ª	Equipa do Faial

Classificação final das 3 Regatas de Vela			
1ª	Equipa de New Bedford	1ª	
2ª	Equipa do Pico	2ª	
3ª	Equipa do Faial	3ª	

Classificação final das 3 Regatas de Remos		
1ª	Equipa do Pico	1ª
2ª	Equipa do Faial	2ª
3ª	Equipa de New Bedford	3ª

## HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

Voltamos a chamar a atenção dos munícipes para a iniciativa autárquica de constituição de uma banco de imagens para o enriquecimento da história antiga e recente do concelho (e mesmo da ilha). Lembramos que qualquer imagem (fotografia e filme), de qualquer tipo (pessoais, familiares, de acontecimentos, paisagens, etc.), é importante para esta iniciativa. Desde já fica o agradecimento da Câmara a todos os que queiram ter a amabilidade de as disponibilizar, a título de oferta ou de empréstimo. ¶

PNS



## PLANO MUNICIPAL DE EMERGÊNCIA

O Executivo da Câmara deliberou por unanimidade, na sua reunião de 2 de Setembro, aprovar o Plano Municipal de Emergência das Lajes do Pico, elaborado por uma equipa da Universidade dos Açores, em colaboração com a empresa Urbeangra, Lda, e remetê-lo para aprovação da Assembleia Municipal (dia 29 de Setembro) e parecer do Serviço Regional de Protecção Civil. ¶

AP



## SCOLARI NAS LAGES

Filipe Scolari, responsável técnico da selecção portuguesa de futebol, esteve nas Lajes dia 11 de Setembro. Acompanhado de esposa e filhos, o simpático brasileiro foi recebido na Câmara pela presidente Sara Santos e realizou uma visita à Vila onde todos quiseram cumprimentar um dos ídolos do futebol nacional. Mas não sabemos se alguém lhe rogou que nunca se esquecesse do nosso "furacão dos Açores"... ¶





Todas as *companhas* realizaram as duas provas (vela e remo) em todos os botes, para deste modo terem à partida semelhantes condições de competição. As Taças desta prova ficarão um ano na posse de cada vencedor até à realização de nova prova. A ilha do Pico deverá receber no próximo ano esta competição, que é sobretudo um importante momento de confraternização de amantes dos botes baleeiros dos dois lados do Atlântico. De referir ainda, que a sessão de entrega dos prémios, no Museu da

Baleação da cidade, foi também oportunidade para recordar um pouco da história da baleação açoriana e da sua estreita ligação àquela região americana. O auditório escutou o director do nosso Museu Baleeiro, Francisco Costa, falar um pouco da história recente desta actividade e de mostrar e comentar um dos filmes documentais existentes nas Lajes sobre a caça à baleia. Antes desta competição, os presidentes das Câmaras das Lajes e de São Roque, respectivamente, Sara Santos e Manuel

Joaquim Costa, foram entrevistados na rádio e televisão locais (de língua portuguesa) e recebidos pelo presidente da Câmara local, Frederick M. Kalisz, Jr. Aqui, foi assinado um protocolo de cooperação entre a cidade de New Bedford e a ilha do Pico. O documento realça o passado comum das duas regiões e a vontade de estreitar os laços entre as comunidades açorianas residentes na região e a comunidade americana, muito em particular com iniciativas de intercâmbio cultural. ¶

52



### INTERCÂMBIO MUSICAL

Entre os dias 11 a 16 de Agosto a Filarmónica União Ribeirense recebeu a Filarmónica do Crato, no âmbito de um intercâmbio que teve início o ano passado quando a Filarmónica União Ribeirense se deslocou ao Crato. Além das actuações musicais, o grupo do Crato teve oportunidade de participar numa matança de porco, de apresentar cumprimentos à presidente da Câmara e de passear um pouco pela nossa ilha e pela ilha do Faial. ¶

### CALHETA POR TERRAS CONTINENTAIS

A Lira Fraternal Calhetense realizou entre 1 e 6 de Setembro uma digressão pelo continente, a convite da Associação de Acordeonistas do Távora e Douro Sul, Riodades e São João da Pesqueira. Além de vários concertos, participaram em Vindouro no primeiro Festival da Canção. Daqui felicitamos a Lira e o seu maestro Floriberto Ferreira por mais esta importante representação da música da nossa ilha em terras continentais. ¶

## Uma semana em festa

Mais uma vez a Vila esteve em festa. Um pouco de tudo para muitos gostos. Uns exigentes, mais despreocupados outros. O que é certo é que a Vila esteve em festa em mais uma grande Semana dos Baleeiros.

Em respeito à tradição, o programa religioso antecedeu a festa propriamente dita. Como um tributo dos lajenses ao espírito antigo das primeiras festas baleeiras em honra de Nossa Senhora de Lourdes. Este ano, no dia 23, teve lugar a primeira Eucaristia. Igual cerimónia abriu o último dia, antes do Sermão da Pesqueira, desta vez tendo como Pregador o Padre João Baptista Gonçalves, ponto central da Procissão com a Imagem da Senhora de Lourdes e dos Santos padroeiros das várias paróquias do concelho (e das agremiações dos Bombeiros e dos Escuteiros).

A habitual cerimónia de abertura oficial da Semana coincidiu com a sessão solene da passagem do 140º aniversário da Sociedade Filarmónica Liberdade Lajense. Foi ocasião para a presidente Sara Santos elogiar o importante contributo cultural e cívico desta instituição e o seu exemplo de cidadania. No seu discurso, Sara

Santos realçou ainda que a actividade exemplar da Filarmónica Lajense poderia servir para reflectirmos todos sobre a *capacidade de concretizar objectivos e sobre a acção de quem está à frente de projectos públicos: orientada para o serviço da comunidade e a construção do bem comum; e defendeu ainda que nas associações aprende-se a vivência da democracia, isto é, aprende-se a expressar ideias e opiniões com frontalidade, de forma franca e aberta, no respeito por cada um e por todos.* Sobre a Semana dos Baleeiros que assim se iniciava, desta-



cou as participações locais e de outros pontos do arquipélago como contributos decisivos para a singularidade do evento. Terminadas as formalidades, foi o tempo para a actuação da Filarmónica e do Coro das Lajes.

Logo nessa noite de abertura se iniciaram os espectáculos musicais com novo concerto da Filarmónica Lajense no largo do Cruzeiro e do grupo africano Morabeza na esplanada da mesma Filarmónica. Aliás, as Filarmónicas não deixariam de encher de música toda a



JM



<sup>25</sup> Semana e foram seguramente um dos elementos importantes da festa. Oriundas de outras ilhas, outras filarmónicas e marchas marcaram presença festiva na Vila. De outra festa tratou o grupo lisboeta Trupilariante: com mais ou menos agitação, asseguraram a diversão e o bom humor dos passeantes, em particular dos mais novos. Mas a música preencheu, como não podia deixar de ser, os momentos mais altos: da canção popular e baladas de Carlos Alberto Moniz e Rui Veloso à música dançante da Orquestra Municipal das Lajes, passando pelos sons mais “pesados” de André Indiana, Moonspell e Ynot Band: é disto

JM



26







que se faz uma festa popular, a mistura saudável de gostos e modos de estar. É claro que houve mais música: de fado, por exemplo, com Lúcio Bamond e Maria Albertina Delgado Pico, acompanhados por Pracana e Machado – isto na Filarmónica Lajense; e, sempre, as nossas Filarmónicas. Ou ainda a música portas dentro, no salão da Ribeira do Meio, com discoteca quase até ao amanhecer.

Dois outros conjuntos de iniciativas marcaram com qualidade esta Semana dos Baleeiros: o conjunto de provas desportivas e a apresentação pública de obras em livro ou em CD.

O mar foi mais concorrido, sobretudo com embarcações (botes baleeiros e *optimists*), mas sem esquecer a natação e a pesca desportiva. No caso especial das Regatas de Botes Baleeiros (vejam-se nestas páginas as classificações - no próximo número publicaremos a classificação final das provas do calendário de regatas deste ano). Fora do mar, destaque para o *rally paper*, os passeios em *Moto 4* e o voleibol de praia. Muito concorridas foram as sessões no Auditório Municipal de lançamentos dos livros *Rendas dos Açores*, de Norberta Amorim e Teresa Perdigão e *Por este Pico dentro... por esses Açores fora*, de Manuel de Azevedo; e dos CDs *Baleeiros em terra*, de Sidónio Bettencourt, e o de música da Tuna da Casa do Povo das Ribeiras.

Quase por fim, mas não menos importante: a população acorreu ao recinto em frente da antiga Fábrica SIBIL para o espectáculo de variedades *Baleia à vista*, criado pelo grupo MuiTieramá em homenagem aos baleeiros.

Como festa sem fogo de artifício não é festa que se preze, no dia 29 os céus das Lajes brilharam exuberantemente – já com um pouco de saudade do que se passou e com o desejo de que a próxima festa não demore muito a chegar! ¶





## RESULTADOS DAS REGATAS

### Prova de Vela em Botes Baleeiros

Bote	Porto	Oficial	Posição
S. João	Ribeiras	Hildebrando Tavares	1.º
Maria Adelaide	Piedade	Manuel Monteiro	2.º
S. José	Capelo	Héldeberto Luís	3.º
Manuel Neves	Calheta	Almerindo Neves	4.º
Maria Celina	Terceira	Lídio	5.º
Liberdade	Lages	Deodato Azevedo	6.º
Claudina	Horta	António Luís	7.º
Nossa Sra. Livramento	S. Roque	Manuel Joaquim	8.º
Norberto	Calheta	José Pimentel	9.º
Boavista	Ribeiras	Baptista Jr.	10.º
S. Pedro	Calheta	Óscar Pimentel	11.º
S. Miguel	Ribeira	Rui Costa	12.º
Nossa Sra. Conceição	S. Roque	Ivo Furtado	13.º
Ester	Lages	Jorge Machado	14.º
Castelete	S. Roque	Rui Maciel	15.º
S. Agostinho	Terceira	André Silveira	16.º
Maria Armanda	Lajes	Paulo Alves	17.º
S. Jorge	Velas	Álvaro Azevedo	18.º
Maria Celeste	Lajes	Michael Medina	19.º
Espadarte	Terceira	João Gaspar	20.º
Serra Branca	Graciosa	Rodrigo Costa	21.º
São Jorge	São Jorge	Álvaro Azevedo	22.º (DNF)

### Prova de Perícia em Botes Baleeiros

Bote	Porto	Oficial	Posição
Maria Armanda	Lajes	Francisco	1.º
S. João	Ribeiras	Tavares	2.º
Liberdade	Lajes	Deodato	3.º
Ester	Calheta	Renato	4.º
Maria Celeste	Lajes	Isaque	5.º
S. Pedro	Calheta	Óscar Pimentel	6.º
Maria Celina	Terceira	Lídio	7.º
São Miguel	Ribeiras	Senio Tomé	8.º
S. Agostinho	Terceira	Silveira	9.º
Castelete	S. Roque	Estácio	10.º

### Prova Feminina de Remos em Botes Baleeiros

Bote	Porto	Oficial	Posição
S. João	Ribeiras	Estela	1.º
Maria Armanda	Lages	Susana	2.º
Norberto	Calheta	Cristina	3.º
S. Pedro	Calheta	Cristina	4.º
Ester	Lajes	Bárbara	5.º
Castelete	S. Roque	Marisela	6.º

### Prova Masculina de Remos em Botes Baleeiros

Bote	Porto	Oficial	Posição
Maria Armanda	Lajes	António Manuel	1.º
Boavista	Ribeiras	José Eduardo	2.º
S. Miguel	Ribeiras	Horácio Dutra	3.º
Ester	Lajes	Jorge Machado	4.º
S. João	Ribeiras	Emanuel	5.º
Maria Celeste	Lages	Filipe Fernandes	6.º
S. Agostinho	Terceira	André Silveira	7.º
S. João	Graciosa	José João	8.º
Castelete	S. Roque	Rui Maciel	9.º
Maria Celina	Terceira	Lídio	10.º
Serra Branca	Graciosa	Rodrigo Costa	11.º

## Imagens do Espírito Santo

Terminamos neste número a publicação do *portfolio* fotográfico da autoria de Paulo Nuno Silva sobre o Espírito Santo deste ano. ¶









## SENHORA DA PIEDADE

A festa de Nossa Senhora da Piedade realizou-se como habitualmente no dia 8 de Setembro, com procissão ao fim da tarde que contou com a participação das Filarmónicas Lira Fraternal Calhetense, União Ribeirense e União Musical da Piedade. Nos dias que antecederam a festa realizaram-se outras actividades: tourada à corda, actuação da Tuna das Ribeiras e do Grupo Folclórico de São João, arraial pela Filarmónica União Musical da Piedade. ¶



## MUSEU MISSIONÁRIO

No dia 26 de Agosto foi inaugurado o embrião de um futuro Museu Missionário na igreja de São Francisco (na antiga Sacristia). A obra foi realizado por Manuel Gonçalves da Comissão Administrativa da Igreja. Este trabalho foi montado a partir do espólio de D. José Vieira Alvernaz, *o último patriarca das Índias Orientais, e do irmão que residia nos EUA, Monsenhor Manuel Alvernaz*, referiu Manuel Gonçalves à agência Ecclesia. Para enriquecer o património do futuro Museu está a ser feito um apelo a todos quantos possam doar elementos relacionados com as missões e os missionários. Disse ainda Manuel Gonçalves à mesma fonte ter esperança que a Direcção Regional de Cultura venha a integrar este Museu na rede de museus do Pico – como o da Baleia e o do Vinho. ¶

## BOM JESUS MILAGROSO

No dia 6 de Agosto realizou-se na Paróquia de São Sebastião da Calheta de Nesquim a festa do Senhor Bom Jesus Milagroso. A novena da festa esteve a cargo do Diácono David Barcelos, natural da Terceira. No dia 6 a Eucaristia Solene foi presidida pelo padre Luciano Oliveira. Seguiu-se a Procissão, com a música das filarmónicas da Calheta, Piedade e Prainha. Após a procissão, o tradicional arraial e a actuação de uma Tuna Universitária de Lisboa. Na véspera já tinha actuado um grupo folclórico vindo de San Diego. ¶

## BODO DE LEITE

Realizou-se no passado dia 21 de Agosto, na Almagreira, o tradicional Bodo de Leite. As comemorações tiveram início de manhã cedo com a bênção dos campos e missa campal. À tarde, um animado baile com o conjunto PM2, seguido das não menos animadas chamarritas. O serão terminou com a actuação do grupo Morabeza – o mesmo que a 23 na esplanada da Filarmónica Lajense animou a primeira noite da Semana dos Baleiros. ¶





## TUNAS E SERENATAS NAS LAJES

O mês de Agosto teve a visita simpática de duas tunas e de um grupo de serenatas do continente: as tunas da Sociedade Musical de Santa Cecília de S. Bernardo, de Aveiro, e a de Medicina do Porto; e o Grupo de Serenatas da Faculdade de Motricidade Humana.

A gente de Aveiro actuou no dia 2 no Auditório Municipal. Criada em 1903 com o nome de Associação Santa Cecília (padroeira dos músicos) integra, além dos músicos, duas vozes solistas (Nazaré Cunha e Cláudio Maio).

No dia 7, também no Auditório Municipal, foi a vez do Grupo de Serenatas que também encantou o público presente.

No dia 21 a Tuna de Medicina do Porto animou de forma bem disposta o largo do Cruzeiro – uma espécie de antevisão do que viria a ser o clima festivo da Semana dos Baleiros que se iniciou dois dias depois. ¶

## RECTIFICAÇÕES

Na nossa última edição publicámos uma notícia e um artigo com incorrecções. Apresentamos as nossas desculpas aos autores/visados e publicamos abaixo as devidas rectificações. O livro de Norberta Amorim sobre as famílias de S. João é relativo ao século XIX (dezanove) e não XI (onze), como por lapso indicámos. Também é incorrecta a informação sobre os custos de investigação que foram suportados pelo NEPS da Universidade do Minho e não pela CMLP, cuja responsabilidade maior incidiu sobre a totalidade dos custos da edição (250 exemplares).

O texto de Inês Dias – *O Deus das pequenas coisas* – sobre o livro *O casaco de baeta*, de Conceição Maciel, saiu truncado, por razões alheias à nossa vontade. Re-publicamos agora o primeiro período do texto devidamente rectificado:

*Na civilização romana, a família mantinha-se unida pela pietas, o sentimento de obrigação entre os seus membros.*

*Este valor moral projectava-se no passado através do culto dos antepassados, que os romanos veneravam sob a forma dos deuses Manes, oferecendo-lhes alimentos e flores. É justamente uma espécie de pietas contemporânea que transparece no livro de Conceição Maciel, uma vez que ele se assume, logo na dedicatória, como um tributo aos que nos precederam e construíram as fundações do nosso presente: “Não fui eu que plantei as árvores a que ando a colher os frutos.*

*// Outros as plantaram para mim. // Eu plantei outras onde outros poderão colher depois de mim se as minhas árvores vingarem” (p. 7). Para a autora, o indivíduo não faz sentido apenas por si próprio, mas integrado na longa cadeia que o tempo, em forma de gerações, vai formando.*

*Por isso mesmo, O Casaco de Baeta apresenta-nos um pormenorizado testemunho em primeira mão de uma época passada, tornado ainda mais tocante pelas várias fotografias que o ilustram, recuperando costumes e rostos entretanto envelhecidos ou desaparecidos. Conceição Maciel revela-se uma narradora ágil, capaz de nos oferecer um documento rico em informações históricas e etnográficas, ao mesmo tempo que nos deixa acompanhar a trama de uma família em concreto,*

*a do Baeta e da sua Maria. Fica a imagem de uma vida mais castigada, cuja passagem do tempo correspondia a uma sucessão interminável de estações e tarefas a cumprir: “O milho estava arrumado e o vinho nas pipas, mas no campo nunca param as lidas” (p. 48). ¶*





## A LUZ DOS AÇORES

Raul Brandão, *As ilhas desconhecidas*, Frenesi, 2001

*É um guia insubstituível. Até pelos seus silêncios. Até pela maneira como nos poussa levemente a mão no ombro, quando mostra uma árvore, uma estátua, um leiteiro de uma estalagem, e nos faz sentir de modo mais profundo a proximidade dele, para que partilhemos plenamente a sua emoção.*¶

*Manuel Mujica Lainez, Os Ídolos*

As palavras do escritor argentino Mujica Lainez poderiam aplicar-se a Raul Brandão e ao seu livro *As Ilhas Desconhecidas*. Deparamo-nos, de facto, com essa capacidade rara que alguns autores têm de nos fazer olhar para uma paisagem e descobrir o que a torna única - a sua "alma", como ele próprio diz, seja salientando um pormenor até aí despercebido ou dotando-a de um sentido que a transfigura. A viagem em que o acompanhamos ocorreu entre 8 de Junho e 29 de Agosto de 1924, e permitiu-lhe visitar os Açores ilha por ilha. Raul Brandão chama-lhes "ilhas desconhecidas", não só pelo seu isolamento (então ainda mais flagrante), mas sobretudo por reconhecer nelas uma autenticidade já perdida ou desvirtuada em muitos outros pontos de Portugal, como a Madeira, que o autor considera reduzida a um cenário para turistas. A separação entre os dois mundos, o do continente e o das ilhas, cumpre-se no Oceano Atlântico; páginas e páginas são consagradas a essa força suprema que impõe constantemente ao ser humano a consciência opressiva da sua condição frágil e efémera: "Nós bem fingimos que não vemos a solidão trágica, o negrume trágico, mas eu tenho-os toda a noite ao pé de mim. (...) A ideia da morte não nos larga: separa-nos do caos um tabique de não sei quantas polegadas" (p. 8).

No entanto, esta pulsão de morte alterna com uma pulsão de vida igualmente poderosa, do mesmo modo que o desamparo e a pobreza que Raul Brandão encontra em certas ilhas têm como contraponto uma imensa solidariedade e uma necessidade de festejar sempre, à revelia das dificuldades e dos elementos em fúria. Chegar aos Açores é chegar a um mundo dotado de uma pureza quase original, em que o "luxo da verdura" (p. 149) contribui para ampliar essa qualidade paradisíaca que o fascina.

Multiplicam-se os apontamentos sobre a economia de cada ilha, a riqueza da fauna e da flora, as particularidades de linguagem, o vestuário, o artesanato ou o culto do Espírito Santo. Mas o que domina estas "notas e paisagens" (subtítulo da obra) é o deslumbramento do autor com o "espectáculo da luz" (p. 12), descrito nos mais ínfimos cambiantes, como se estivéssemos perante um quadro impressionista: "Luz cinzenta, luz doirada - transparência azul boiando cheia de cintilações ao longe, e depois mais luz viva que nasce e estremece diante da grande massa escura que sai do mar sob a magia do nascente" (p. 11).

Se Raul Brandão apresenta os Açores como uma constelação em que cada ilha se complementa nas outras que o nosso olhar vai descobrindo no horizonte, também é certo que atribui uma individualidade bem marcada a todas elas e aos diferentes estados de espírito que vão sucessivamente despertando. E é o Pico que consagra como "a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção" (p. 103). O Pico, que ao longo de toda esta peregrinação funcionara como coordenada geográfica e sentimental, acaba por se revelar uma promessa plenamente cumprida, pois o autor encontra aí a "exaltação da vida livre" (p. 97) que buscava - a terra e o mar produzem abundantemente e as suas gentes parecem ter atingido "o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza" (p. 89). Sucedem-se histórias de lavradores, baleeiros e emigrantes picoenses, que Raul Brandão remata com a seguinte declaração: "Os homens do Pico são os homens mais sãos que conheço. Vejo-os diante de mim como torres e um olhar que não engana. (...) É talvez da raça, da vida isolada e simples, do trabalho e do contacto permanente com o mar e a terra" (p. 117). Retomando as palavras iniciais de Mujica Lainez, poderíamos dizer que, chegado ao Pico, Raul Brandão sentiu a necessidade de pousar mais detidamente a mão no ombro do seu leitor, para lhe mostrar essa luz dos Açores que aqui "atinge talvez a perfeição" (p. 101), antes de regressar ao continente e aos seus dias mais cinzentos e imperfeitos, respeitando assim o mistério e a grandeza que se refugiaram nestas ilhas desconhecidas.¶





O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção. É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu e amoldada pelo fogo – é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas.

Raul Brandão, *As ilhas desconhecidas*

